

LT 138

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

CONSTRUÇÕES APLICATIVAS DE DUPLO OBJECTO EM CIUTEE

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane

David António

MAPUTO, 2004

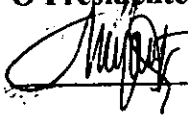
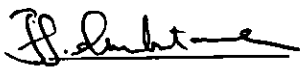



CONSTRUÇÕES APLICATIVAS DE DUPLO OBJECTO EM CIUTEE

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane por David António

Departamento de Linguística e Literatura  
Faculdade de Letras  
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: Feliciano Salvador Chibutane  
Maputo, 2004

O Juri			Data
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	
			23/05/2004

U.E.M. - F.L.C.S.

R. E. 30275

DATA 11.04.2005

ADMISSÃO desta

COTA 1-138

### **Declaração**

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

## **Agradecimentos**

Gostaria de expressar os meus profundos agradecimentos às pessoas que, incondicionalmente, prestaram o seu apoio para a realização deste estudo, especialmente:

Ao Dr. Feliciano Chimbutane, meu supervisor, pela maior gentileza e tempo disponibilizado, orientando-me pacientemente e com toda a mestria no trabalho. Com o seu apoio na selecção da bibliografia, nas análises críticas e no encorajamento em continuar o trabalho, com vista a torná-lo melhor.

A todos os professores do curso, pela disciplina académica que incutiram em mim ao longo dos 5 anos.

Aos colegas do curso, especialmente para o dr. Chico, Machude, Mauro, Napido e Wako pela coragem e conselhos que sempre me deram nos momentos mais difíceis do curso, bem como pela confiança que depositaram em mim na elaboração da tese.

Ao dr. Companhia, que sempre soube e saberá transmitir os seus ensinamentos sobre Linguística, bem como na disponibilização imediata em ajudar.

Aos informantes, que sem os quais não seria possível igual perfeição do trabalho, pelo tempo disponibilizado e apoio na prestação de toda a informação sobre o Ciutee.

Ao mano Chico e à Belinha, pela ajuda na localização de informantes, bem como pela paciência que tiveram em me “aturar” na testagem dos dados. Especialmente à Belinha pelo carinho e compreensão pela longa espera.

À minha mãe, pelo ensinamento que sempre soube dar-me ao longo da minha carreira académica e à Dio, aos meus irmãos, às minhas cunhadas e aos meus sobrinhos pelo carinho, paciência e compreensão que demonstraram durante a minha formação.

Ao Muca, Yaza e Buana, pela força e esperança que sempre manifestaram em mim e pelos momentos de “bolseirismo” que juntos partilhamos.

## Resumo

A nossa pesquisa tem como objectivo a análise de construções aplicativas com verbos admitindo dois complementos SN em Ciutee. Para tal, fizemos o estudo com base num corpus com frases submetidas ao juízo de informantes, falantes nativos desta língua.

Esta dissertação é composta por cinco capítulos, a saber:

Capítulo I – Introdução - apresentamos o âmbito do nosso estudo, a delimitação do nosso objecto de estudo, as hipóteses sobre as quais assenta a nossa investigação e, por último, apresentamos aspectos ligados à língua e à variante que será tomada em conta na análise.

Capítulo II – Revisão da literatura - destacamos conceitos ligados às funções gramaticais, fazemos a abordagem de aspectos ligados aos objectos em construções (mono)-transitivas e em construções de duplo objecto e apresentamos propriedades destes objectos nas línguas Bantu, bem como os factores que as podem influenciar.

Capítulo III – Metodologia de Investigação - fazemos a caracterização dos indivíduos que forneceram os seus juízos de gramaticalidade em relação às frases do nosso teste, apresentamos os procedimentos que usamos para a constituição e organização do corpus e apresentamos os procedimentos que usamos para testarmos os dados.

Capítulo IV – Descrição e análise dos dados - compreende duas partes: a primeira das quais ligada à descrição e análise de dados e a segunda parte ligada à discussão dos resultados da descrição.

Capítulo V – Conclusões e recomendações - apresentamos as conclusões a que chegamos na análise de objectos em construções aplicativas com dois complementos SN e alguns aspectos que podem ser melhorados em trabalhos posteriores.

## Índice

Declaração.....	i
Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iii
Abreviaturas e Convenções.....	vi
Capítulo I – Introdução.....	1
1. Âmbito de estudo.....	2
2. Delimitação do objecto de estudo.....	2
3. Hipótese de investigação.....	3
4. A variante da língua.....	4
Capítulo II – Revisão da literatura.....	6
1. Funções Gramaticais.....	7
2. Objectos em construções (mono) transitivas.....	9
3. Objectos em construções de duplo objecto.....	9
4. Propriedades de objectos nas línguas Bantu.....	10
4.1. Factores que podem influenciar propriedades de objectos nas línguas Bantu.....	12
Capítulo III – Metodologia de Investigação.....	15
1. Caracterização dos informantes.....	16
2. Constituição e organização do corpus.....	18
3. Testagem dos dados.....	19
Capítulo IV – Descrição e análise de dados.....	21
Descrição e análise de dados.....	22
1. Objectos em construções (mono)transitivas.....	22
1.1. Ordem de palavras.....	22
1.2. Passivização.....	23

1.3. Cliticização .....	24
1.4. Reciprocização .....	25
2. Construções de duplo objecto envolvendo verbos derivados .....	25
2.1. Objectos com graus diferentes de animacidade .....	26
2.1.1. Ordem de palavras .....	27
2.1.2. Passivização .....	28
2.1.3. Cliticização .....	30
2.1.4. Reciprocização .....	32
2.2. Objectos com o mesmo grau de animacidade .....	34
2.2.1. Ordem de Palavras .....	34
2.2.2. Passivização .....	35
2.2.3. Cliticização .....	37
2.2.4. Reciprocização .....	38
Discussão dos resultados .....	40
Capítulo V – Conclusões e recomendações .....	43
1. Conclusões .....	44
2. Recomendações .....	45
Bibliografia .....	47
Anexos .....	i

### **Abreviaturas e Convenções**

‘‘ = Tradução idiomática

\* = Agramaticalidade

Ag = Agente

Al = Alvo

APP = Extensão Aplicativa

Ben = Beneficiário

C = Frase Correcta

D = Frase Duvidosa

Exp = Experienciador

I = Frase Incorrecta

Inst = Instrumento

L1 = Língua Materna

LB = Língua Bantu

Loc = Locativo

MO = Marca de Objecto

MS = Marca de Sujeito

OD = Objecto Directo

OI = Objecto Indirecto

OP = Objecto Primário

OS = Objecto Secundário

Pac = Paciente

PASS = Extensão Passiva

PERF = Pretérito Perfeito

REC = Extensão Recíproca

RFP = Regra de Formação de Palavras

SN = Sintagma Nominal

SP = Sintagma Preposicional

Tem = Tema

VF = Vogal Final



## **Capítulo I – Introdução**

### **Resumo**

O presente capítulo tem como objectivo fazer o enquadramento geral da investigação que realizámos.

Assim, em 1. apresentamos o âmbito do nosso estudo, no qual abordamos a situação das línguas Bantu no país, bem como o tema e o objectivo que motivou a presente investigação; em 2. fazemos a delimitação do nosso objecto de estudo; em 3. apresentamos as hipóteses sobre as quais assenta a nossa investigação e, por último, em 4. apresentamos aspectos ligados à localização geográfica do Ciutee, incluindo o número dos seus falantes, e a variante que será tomada em conta na análise.

## **1. Âmbito de estudo**

Moçambique é um país multilíngue, onde coexistem várias línguas, sendo a maior parte delas pertencentes ao grupo Bantu, faladas como línguas maternas por 93% da população moçambicana (Firmino, 2000).

Recentemente, tem crescido o interesse pelo estudo destas línguas a vários níveis da sua gramática: a nível fonético-fonológico (cf. Ngunga, 1997; Liphola, 2001), a nível morfológico (cf. Langa, 2001), a nível sintáctico (Chimbutane, 2002), entre outros. Este interesse deve-se em parte ao estatuto que estas línguas vêm ganhando, motivado pela sua utilização nos órgãos de Comunicação Social, na Educação, etc.

Este estudo pretende fazer uma abordagem em torno de um dos fenómenos envolvidos na sintaxe das línguas Bantu (LB's), nomeadamente, as relações gramaticais em construções de duplo objecto envolvendo verbos aplicativos. O objectivo é descrever o comportamento sintáctico dos dois SN's objectos subcategorizados por verbos ditransitivos formados a partir da extensão applicativa. Na análise do comportamento sintáctico destes objectos, tomar-se-á especial atenção para a influência da animacidade e/ou de questões pragmáticas, dada a sua relevância em Ciutee.

## **2. Delimitação do objecto de estudo**

Como se referiu na secção anterior, pretendemos, com esta investigação, estudar o comportamento sintáctico dos objectos em construções applicativas com dois complementos SN.

O estudo da construção de duplo objecto nas línguas Bantu tem sido base de acesas discussões. A questão central que se tem colocado é qual é o estatuto sintáctico dos dois

SN's pós-verbais. O facto que se constata é que em diferentes línguas Bantu os SN's em construções de duplo objecto mostram também diferentes comportamentos sintácticos.

Assim, o nosso estudo centrar-se-á na análise das propriedades de cada objecto nas construções applicativas ditransitivas em Ciutee, com vista a determinar o complemento que exhibe as propriedades de Objecto Primário.

De acordo com o comportamento sintáctico que os complementos exibem, neste tipo de construções, as línguas Bantu distinguem-se em simétricas e assimétricas. São línguas simétricas as que têm construções com mais de um complemento SN exibindo propriedades de Objecto Primário. Alguns exemplos destas línguas são Kinyarwanda, Kihaya, Kimeru, Mashi e Luyia (cf. Bresnan e Moshi, 1990 e referências aí citadas). Por sua vez, são consideradas línguas assimétricas as que têm construções onde apenas um SN complemento exhibirá propriedades de Objecto Primário. Constitui exemplo para este tipo de línguas, entre outras, Kiswahili, Chimwini, Hiberna, Chichewa (idem).

### **3. Hipótese de investigação**

Como referimos na secção anterior, as línguas Bantu distinguem-se quanto ao comportamento sintáctico exibido por complementos em construções de duplo objecto, umas sendo simétricas e outras assimétricas.

É, pois, nesta perspectiva que se avança para o estudo com as hipóteses de que em Ciutee, em construções que permitem dois objectos:

- (i) ambos objectos exibem as propriedades de Objecto Primário, considerando a língua de simétrica; ou que
- (ii) apenas um dos objectos exhibe propriedades de Objecto Primário, colocando desta maneira, o Ciutee no grupo das línguas assimétricas.

#### 4. A variante da língua

Na classificação de Guthrie (1967/71), as línguas Bantu, agrupam-se em 15 zonas linguísticas, com os respectivos códigos, sendo o Ciutee, língua em estudo, assinalado por (S13b), fazendo parte do grupo linguístico Shona, codificado por (S10), de acordo com Siteo e Ngunga (2000).

O Ciutee é falado na província de Manica, especialmente na cidade de Chimoio e seus arredores (Siteo e Ngunga, 2000), por 22% da população da província (Firmino, 2000). Para além deste local, autores como Suana (1999) apontam que esta língua é também falada nos distritos de Gondola e Sussundenga, centro e sul da província, respectivamente, bem como em alguns focos populacionais no distrito de Nhamatanda, na província de Sofala.

O Ciutee é uma língua com menos falantes na província, estimados em 250.000, tal como revelam os dados do Censo de 1997 (cf. Siteo e Ngunga, *op. cit.*).

Tal como referimos no ponto 1. deste capítulo, o Ciutee pertence ao grupo linguístico Shona, sendo a única língua que possui muitas variantes em relação às outras que pertencem ao mesmo grupo. Devido à falta de profundidade no estudo relacionado com as variantes do Ciutee, segundo Siteo e Ngunga (2000), a variante que usamos para o nosso estudo é a que é falada na cidade e arredores de Chimoio. De acordo com o testemunho dos nossos informantes, esta variante denomina-se Cingomai, a par das três outras existentes, como é o caso do Cinyembwe, Cizamzi e Citsakara.

Em Suana (1999), lê-se que na província de Manica os aglomerados de falantes do Ciutee, limitam-se ao Norte pelos falantes do Cibalke, a Sul pelos falantes do Cindau e do Citonga, a Este pelos falantes do Cindau e Cisena e a Oeste pelos falantes do Cimanyika.

Esta situação faz com que o Citonga, o Cindau e o Cimanyika sejam aparentadas com o Ciutee.

## **Capítulo II – Revisão da literatura**

### **Resumo**

O presente capítulo destina-se à apresentação de aspectos teóricos relevantes para a análise.

Assim, em 1 destacam-se conceitos ligados às funções gramaticais; em 2 faz-se a abordagem de aspectos ligados aos objectos em construções (mono)-transitivas; em 3 abordam-se questões ligadas aos objectos em construções de duplo objecto e em 4 apresentam-se propriedades destes objectos nas línguas Bantu, bem como os factores que as podem influenciar.

## 1. Funções Gramaticais

O termo função gramatical tem sido referido em alguns estudos como sinónimo de relação gramatical, apesar de certos autores os tomarem como termos distintos (cf. Chimbutane, 2002 e referências aí citadas). No presente estudo seguiremos a primeira abordagem.

As funções gramaticais têm um papel chave na análise sintáctica, vistas tanto pela Gramática Relacional como pela Gramática Léxico-Funcional, como noções primitivas.

Tendo em conta as duas gramáticas atrás referidas, as funções gramaticais podem ser de Sujeito, de Objecto e de Oblíquo considerados primitivos<sup>1</sup> sintácticos. Hyman e Duranti (1982) apontam que nas Línguas Bantu, estas funções formam uma relação gramatical em que o sujeito - no caso de estar presente na frase - precede o verbo, estabelecendo relação de concordância, sendo este, por sua vez, seguido directamente por um objecto, também no caso deste estar presente. A seguir a esta função, tem-se posicionado um oblíquo que nem sempre tem sido acompanhado de preposição.

A noção de sujeito tem sido base de divergência no seio de linguistas, cuja definição e classificação (veja Comrie, 1996) joga um papel importante na gramática tradicional, bem como em estudos recentes na descrição de línguas naturais.

Entretanto, tendo em conta que a noção desta função gramatical é empregue em análises sintácticas, caracterizando constituintes classificados como sujeito, Chimbutane (2002), citando autores como Keenan (1976), Andrews (1985) e Comrie (1989), destaca ter-se evidenciado, por linguistas, dois aspectos: (i) o sujeito posiciona-se fora do sintagma

---

<sup>1</sup>As funções gramaticais de Sujeito, de Objecto e de Oblíquo são consideradas elementos primitivos porque não são definidos em função de outros elementos (Perlmutter e Postal, 1977 *apud* Chimbutane, 2002). Do mesmo modo, Hudson (1992) refere que as relações gramaticais foram consideradas primitivas desde o começo da Gramática Léxico-Funcional, cujo ponto de partida é idêntico ao da Gramática Relacional.

verbal (SV) e é dominado pela frase (F), para além de que controla a concordância verbal; (ii) a identificação do sujeito é feita através de testes sintácticos como é o caso da coordenação de orações, estruturas de elevação de sujeito, reflexização e mudança de voz.

Por sua vez, a função gramatical de objecto “tem conduzido linguistas a reconhecerem diferentes instâncias de objectos” (Chimbutane, 2002:18). Desta maneira, as funções gramaticais de objecto, dependendo de línguas, podem ser classificadas através da distinção Objecto Directo (OD) \Objecto Indirecto (OI) ou Objecto Primário (OP) \Objecto Secundário (OS), o que leva a classificá-las em línguas de objecto directo e línguas de objecto primário<sup>2</sup>, respectivamente (Dryer, 1986). Este autor considera línguas de objecto primário, as línguas cujas regras são sensíveis à distinção entre OP e OS e línguas de objecto directo as que possuem regras sensíveis à distinção entre OD e OI.

De acordo com a natureza do verbo, podemos encontrar construções com um objecto a seguir ao verbo (construções (mono)transitivas) e construções com dois objectos a seguir ao verbo (construções ditransitivas) (veja secções 2 e 3 deste capítulo, respectivamente).

No caso de estarem presentes, os constituintes com as funções gramaticais de oblíquo nas línguas Bantu posicionar-se-ão a seguir ao SN com função gramatical de objecto. “Na literatura, o termo ‘oblíquo’ é frequentemente associado a diferentes significados” (Chimbutane, 2002 :28). Por seu turno, temos Mateus et al (1989), no estudo do Português, aludindo que o oblíquo é mais uma das outras funções gramaticais à semelhança do sujeito, do objecto e do complemento directo. Estas autoras destacam duas classes de oblíquos, nomeadamente subcategorizados e não subcategorizados (complementos e adjuntos, respectivamente).

---

<sup>2</sup> Veja detalhes no ponto 3. Ainda sobre este assunto veja Chimbutane (2002) e respectivas referências.





## 2. Objectos em construções (mono) transitivas

Construções (mono)transitivas referem-se a orações cujo verbo de base admite apenas um complemento SN. Vários autores, entre eles Hyman e Duranti (1982), apontam para a existência de propriedades que um objecto em construção (mono)transitiva pode exibir nas línguas Bantu, entre as quais:

- (1) – ocorrer adjacente ao verbo ;
  - poder ser marcado no verbo; e
  - poder funcionar como sujeito em construções passivas.

## 3. Objectos em construções de duplo objecto

Construções de duplo refere-se aos casos em que o verbo de base permite dois constituintes pós-verbais.

Variando de língua para língua, os objectos nestas construções podem ser compatíveis com a distinção entre OD e OI ou com a distinção entre OP e OS ( cf. Dryer, 1986).<sup>3</sup> Entretanto, a questão que tem sido base de várias discussões no estudo das línguas Bantu (veja Hyman e Duranti, 1982; De Guzman, 1987 e Bresnan e Moshi, 1990)<sup>4</sup> é qual é a função gramatical específica que se pode associar a cada um dos objectos pós-verbais.

Desta maneira, muitos autores, dentre eles De Guzman (1987), Hyman e Duranti (1982) postulam que a distinção entre os objectos nas LB's pode ser feita tendo em conta as seguintes propriedades:

<sup>3</sup> Veja o ponto 1

<sup>4</sup> Veja Hudson (1992), no estudo do chamado "Duplo Objecto" em Inglês, no qual se compara o O<sub>1</sub> e o O<sub>2</sub>, respectivamente, significando primeiro e segundo objectos.

- (2) – acesso à posição imediatamente a seguir ao verbo;
- possibilidade de ser sujeito em construções passivas; e
- possibilidade de ser expresso por uma marca de objecto clítico na forma verbal.

Sendo assim, o objecto tido como primário é o que exhibirá estas propriedades.

Nalgumas línguas Bantu, o caso do Kichaga (cf. Bresnan e Moshi, 1990), observa-se que os dois objectos pós-verbais não marcados, na denominação de De Guzman (1987), podem ter acesso àquelas propriedades, ao passo que noutras línguas Bantu, como Chichewa (cf. Bresnan e Moshi, 1990 e Mchombo e Firmino, 1991) apenas um dos objectos é que pode ter acesso àquelas propriedades. Como se referiu já, este comportamento das línguas Bantu levou Bresnan e Moshi (1990) a distinguirem entre línguas simétricas e assimétricas, respectivamente.

Os mesmos autores referem que nas línguas simétricas mais de um SN pós-verbal pode exhibir propriedades sintácticas de Objecto Primário e que nas assimétricas somente um dos SN's pós-verbais é que exhibe propriedades sintácticas de Objecto Primário. Entretanto, estes autores consideram ainda que existem línguas, como Kichaga, em que mesmo nos casos de línguas simétricas é possível distinguir o OP do OS.

#### **4. Propriedades de objectos nas línguas Bantu**

Como já se referiu, o estatuto dos SN's pós-verbais, actuando como objectos em construções ditransitivas nas LB's, tem sido motivo de várias discussões.

Autores como Hyman e Duranti (1982) avançam para a existência de testes apropriados para a determinação do estatuto dos SN's pós-verbais em relação ao verbo,

aplicados em frases em que “dois SN’s pós-verbais se seguem sem preposição” (idem :220), nomeadamente (i) com verbos não derivados como *dar* e que admitem dois objectos não marcados por preposição, (ii) com verbos derivados, isto é, com extensões aplicativas<sup>5</sup> e (iii) de possuidor afectado. Os exemplos a seguir, do Ciutee, ilustram estas três situações:

- (3) a. A-tsvari a-ka-pas-a                      mw-ana gobo.  
       2-mãe 2SM-PERF-dar-VF 1-filho 5banana  
       ‘A mãe deu uma banana ao filho’.
- b. Baba a-ka-tar-ir-a                              mw-ana tsamba.  
       2pai 2MS-PERF-escrever-APP-VF 1-filho 9 carta  
       ‘O pai escreveu uma carta para o filho’.
- c. Ma-binha a-ka-gur-a                            tsekuro n-dzee.  
       6-bandido 6MS-PERF-cortar-VF 1avô 9-orelha  
       ‘Os bandidos cortaram a orelha do avô’.

Em (3a) temos uma construção com o verbo não derivado, isto é, sem extensão – *pasa* ‘dar’ admitindo a ocorrência de dois objectos pós-verbais não preposicionados, *mwana* ‘filho’ e *gobo* ‘banana’, ao passo que em (3b) estamos em presença de uma construção com um verbo derivado, pois, ao verbo –*tara* ‘escrever’ foi acrescida uma extensão applicativa –*ir-*, tornando-se –*tarira* ‘escrever para’ e aumentando a valência do mesmo em um lugar. Assim, o verbo passa a admitir dois objectos, no caso realizados pelos SN’s *mwana* ‘filho’ e *tsamba* ‘carta’. A frase (3c) demonstra uma construção de possuidor afectado, na medida em que temos um objecto possuidor *tsekuro* ‘avô’, adjacente ao verbo e outro objecto sem preposição *ndzee* ‘orelha’, a seguir ao primeiro. Este último é parte afectada do objecto possuidor.

<sup>5</sup> Também podem ser extensões causativas, pois ambas extensões permitem a introdução de mais um argumento (Firmino, 1991, 1992; Siteo, 1996). Sobre construções com dois complementos veja Hyman e Duranti (1982).

Entre os testes usados para a determinação do estatuto de objectos em frases nas línguas Bantu (cf. Morolong e Hyman, 1977; Hyman e Duranti, 1982 e De Guzman, 1987), destacam-se: ordem de palavras, passivização, clitização e reciprocização. Assim, com a aplicação destes testes o Objecto Primário exibirá as seguintes propriedades:

- (4) – ter acesso à posição imediatamente a seguir ao verbo;
  - assumir a posição de sujeito em construções passivas;
  - ser marcado através da MO dentro da forma verbal; e
  - aceitar ser reciprocizado.

#### **4.1. Factores que podem influenciar propriedades de objectos nas línguas Bantu**

Nas LB's, o acesso às propriedades de objecto apontados no ponto anterior pode ser influenciado por factores como (a) relações temáticas, (b) pessoa-animacidade e (c) definitude e especificidade (veja Hyman e Duranti, 1982).

O factor relações temáticas tem a ver com a disposição dos argumentos na hierarquia temática, tal como se apresenta a seguir, num estudo sobre as línguas Bantu (idem):

#### **(5) Hierarquia Temática: Beneficiário>Recipiente>Paciente>Instrumento<sup>6</sup>**

Nesta hierarquia o sinal > significa “mais alto do que”, sendo o beneficiário o papel temático hierarquicamente mais alto e o instrumento menos alto da escala. Assim, dada

---

<sup>6</sup>Bresnan e Kanerva (1989) destacam a hierarquia universal de papéis temáticos de argumentos da seguinte maneira: *ag>ben>rec/exp>ins>tem/pac>loc*.

uma construção com dois objectos concorrentes, o SN tematicamente mais alto nesta hierarquia tenderá a exhibir propriedades de objecto, tal como acontece na língua Chichewa (cf. Alsina, 1993 *apud* Chimbutane, 2002). No entanto, em relação a esta hierarquia, Bresnan e Moshi (1990) agrupam o experienciador ao recipiente, considerando-os de alvo e por sua vez consideram o tema paralelo ao paciente, como se mostra a seguir:

(6) Agente>Beneficiário>Alvo>Instrumento>Paciente/Tema>Locativo

Das duas hierarquias atrás apresentadas, adoptaremos para o presente estudo a que foi referenciada em (5), pelo facto de se adequar ao nosso estudo.

Com relação aos outros factores, Chimbutane ( *op. cit.*:26, citando Aissen, 2000) faz referência à existência de línguas em que o factor que influencia as propriedades de objectos é “pessoa-animacidade ou definitude”. As hierarquias referidas apresentam-se tal como segue:

(7) Hierarquia de Animacidade: Humano>Animal>Inanimado

(8) Hierarquia de Definitude: Pronome Pessoal>Nome Próprio>SN Definido>

SN Específico Indefinido>SN Não-Específico

Os diagramas acima, mostram em (7) que a escala de animacidade vai do Humano ao Inanimado e em (8) que a escala de definitude vai do Pronome Pessoal ao SN Não-Especificado, sendo os primeiros os mais altos e os últimos os mais baixos nas escalas específicas. Shona e Sesotho, em estudos feitos por Hawkinson e Hyman (1974) e Morolong e Hyman (1977), respectivamente, são exemplos de línguas para o caso apontado

em (7) na determinação de propriedades sintáticas de Objecto Primário, pois, para este propósito o factor animacidade tem a sua influência notável.

Assim, dados dois SN's com traços gramaticais diferentes tenderá a desempenhar a função gramatical de Objecto Primário, o SN com o traço [+humano].

Entretanto, línguas como o Gitonga (veja Firmino, 1991 e Mchombo e Firmino, 1999) e algumas vezes Changana (veja Chimbutane, 2002) evidenciam casos em que os três factores apontados acima podem determinar a categoria de Objecto Primário na frase.

### **Capítulo III – Metodologia de Investigação**

#### **Resumo**

Neste capítulo apresentamos a metodologia que nos orientou na recolha dos dados do trabalho, bem como no seu tratamento.

No ponto 1. fazemos a caracterização dos indivíduos que forneceram os seus juízos de gramaticalidade em relação às frases do nosso teste, referidos como consultores/informantes linguísticos; no ponto 2., apresentamos os procedimentos que usamos para a constituição e organização do corpus; e em 3, apresentamos os procedimentos que usamos para testarmos os dados.

## 1. Caracterização dos informantes

A intuição dos falantes nativos e, na maior parte das vezes, a do próprio investigador, contribui para a descrição e análise de dados da língua.

A ambiguidade de algumas frases do nosso corpus, cuja evidência apresentamos no Anexo 4, e por se pretender dados autênticos e sua recolha confiável (Seliger e Shohamy, 1989), levou-nos a recorrer a consulta de informantes para o nosso trabalho. De acordo com Ngunga (1998:5), “o consultor linguístico é um falante nativo fluente de uma língua que, ao responder a um inquérito previamente elaborado pelo investigador, fornece ao linguista os dados empíricos de que este precisa para se proceder à análise”.

Assim, para a selecção dos nossos informantes, tivemos em conta o facto de serem falantes “natos” da língua e/ou da variante em análise.

Deste modo, escolhemos a província de Manica, concretamente a cidade de Chimoio, para a testagem dos dados do corpus. A escolha tem a ver com o facto de ser um local em que se encontra a maior comunidade de falantes do Ciutee e também pelo próprio facto de que o conhecimento da língua é requerido amiúde em várias situações de comunicação. Este facto é sustentado por Gonçalves (1997:60), quando afirma que “é importante conhecer o reportório linguístico “típico” da comunidade em que se pretende realizar a recolha”.

Para o nosso trabalho, seleccionamos 10 informantes, “um pequeno grupo da população usado para representar um grupo mais largo com as mesmas características” Seliger e Shohamy (op. cit.), tal como apresentamos na tabela a seguir, que contém a informação sociolinguística dos mesmos:



Tabela1: Informação Sociolinguística dos Informantes

Código de Informantes	Idade	Sexo	Ocupação/ Profissão	Língua Materna (L1)	Língua que fala em casa ou Língua de Comunicação
F1	67	F	Doméstica	Ciutee	Ciutee
F2	57	F	Camponesa	Ciutee	Ciutee
F3	23	M	Estudante	Ciutee	Ciutee/Português
F4	30	M	Técnico de Farmácia	Ciutee	Português/Ciutee
F5	69	F	Camponesa	Ciutee	Ciutee
F6	39	F	Servente	Ciutee	Ciutee
F7	63	M	Técnico de Recursos Humanos	Ciutee	Ciutee/Português
F8	36	M	Professor	Ciutee	Ciutee/Português
F9	80	F	Camponesa	Ciutee	Ciutee
F10	34	M	Professor	Ciutee	Português

Observa-se nesta tabela que há um equilíbrio da variante sexo, ou seja, 50% é constituído por indivíduos do sexo masculino e igual valor do sexo feminino. As idades são compreendidas entre os 23 e os 80 anos, com uma média de aproximadamente 50 anos. Esta média tem a ver com o facto de ser uma idade de indivíduos com uma gramática da língua considerada estável.

Os factores que também consideramos determinantes são a língua materna (L1), em que para todos os consultores é o Ciutee, e as línguas que falam em casa e/ou de comunicação, sendo (5) os que falam apenas o Ciutee, (4) que alternam entre esta língua e o Português e apenas (1) informante que fala Português. Com relação ao primeiro factor, assumimos que os falantes são parte integrante da sociedade em que a língua se fala, bem como que é sua L1, tendo conhecimentos profundos da sua gramática. Quanto ao segundo factor, tivemos em conta o facto de complementar o factor anterior.

Por seu turno, (5) dos nossos informantes que são do sexo feminino e com o Ciutee como a língua que falam em casa e/ou de comunicação não têm muito contacto com a língua portuguesa, sendo camponeses ou realizando actividades domésticas.

## 2. Constituição e organização do corpus

Tendo em conta o nosso tema e objectivo da investigação, para o nosso corpus inicial (veja Anexo 1), seleccionamos (1) verbo, *-bvenga* 'bater', que admite apenas um SN pós-verbal e (2) verbos, *-tarira* 'escrever para' e *-tsvakira* 'procurar para', que permitem dois SN's pós-verbais, com a adição da extensão applicativa *-ir-*. Com base nestes verbos, elaboramos frases respectivas, com a aplicação dos testes sintácticos da ordem de palavras, passivização, cliticização e reciprocização, - na qualidade de falantes "natos" da língua e tendo em conta a nossa própria intuição linguística - num total de (21), sendo (9) pares e (3) simples. Cada par atrás referido foi constituído com base na troca da ordem dos constituintes em relação ao verbo. Assim, constituímos o nosso corpus.

As traduções para Português destas frases foram feitas tendo em conta as suas correspondentes em Ciutee. No entanto, a tradução da frase (10b) foi literal pelo facto de não haver uma correspondente passiva da frase activa (10a) em Português. Por essa razão, neste número a frase nesta língua, que traduz a correspondente em Ciutee, não aparece entre vírgulas altas ('').

Ainda na formação destas frases nas construções com duplo objecto, consideramos casos em que os SN's pós-verbais ostentam graus diferentes de animacidade [+animado] e [-animado] e casos em que os SN's exibem o mesmo grau de animacidade [+animado].

A organização do nosso corpus teve em conta o facto de as frases serem (i) construções (mono)transitivas, isto é, com o verbo admitindo apenas um SN pós-verbal e

(ii) construções ditransitivas com verbos aplicativos admitindo (2) SN's pós-verbais seguindo a ordem de apresentação dos testes sintácticos que acima referenciamos. De igual modo, as frases do corpus, que na sua maioria são ditransitivas, foram organizadas com base nos testes sintácticos e considerando o grau de animacidade, com os SN's concorrentes assumindo diferentes ou mesmo graus de animacidade.

Deste corpus, extraímos (9) pares de frases que nos pareceram ambíguas, admitindo mais de uma interpretação, e constituímos o nosso teste linguístico, que mais tarde foi submetido ao juízo dos informantes. O primeiro par é um caso em que a troca da ordem dos constituintes é feita entre (1) objecto e (1) oblíquo e os restantes (8) pares envolvem SN's pós-verbais, com verbos aplicativos (cf. Anexo 2).

Para complementar este teste, também elaboramos perguntas extraídas dos pares das frases (3) e (4) que consideramos de básicas (veja anexo 2). Com relação aos restantes pares de frases do teste, possíveis perguntas se fariam, partindo das básicas.

O nosso corpus final foi constituído tendo em conta os resultados dos testes aplicados aos informantes. Com a excepção das frases (1a) e (9a) em que todos os inquiridos consideraram-nas correctas e (9b) incorrecta, nas restantes frases do teste os informantes tiveram juízos diversificados, isto é, uns consideraram-nas gramaticais e outros agramaticais e outros ainda duvidaram da sua gramaticalidade. Devido a este facto, apresentamos os dados referentes a este corpus sistematizados no Anexo 4.

### **3. Testagem dos dados**

Após a constituição do corpus, dispusemos os (9) pares de frases que constituem o teste linguístico aos nossos informantes num total de (10), tal como referimos anteriormente.

Dos juízos dos informantes às frases do teste esperávamos que estes considerassem algumas frases de correctas, de incorrectas, tal como Seliger e Shohamy (1989) se referiram ao teste de julgamento, obtendo com este um alto grau de explicitude. O terceiro juízo que esperávamos era que alguns informantes não tivessem certeza da gramaticalidade de algumas frases.

Com relação às primeiras frases, que deviam ser assinaladas com "C" (Correctas), os informantes tinham que as considerar de gramaticais quando se adequassem à gramática do Ciutee; às segundas, que deviam ser assinaladas com "I" (Incorrectas), os informantes tinham que as considerar agramaticais quando não se adequassem à gramática do Ciutee. Para as últimas frases, os informantes tinham que simbolizá-las com a letra "D" (Duvidosas), quando duvidassem da adequação à gramática da língua.

Assim, através da entrevista, bem como de respostas escritas, concebemos o nosso teste. Para o primeiro método, aplicamos aos falantes que tinham dificuldades em ler o Ciutee e/ou escrever o Português. Líamos as frases e seguia-se o juízo dos informantes, mediante questões sobre gramaticalidade que fazíamos: se as frases eram gramaticais, agramaticais ou duvidosas. O segundo método aplicámo-lo para informantes que não tinham dificuldades em ler o Ciutee e/ou escrever o Português. Este grupo de informantes assinalava com os símbolos respectivos (C, I ou D), conforme o juízo que considerassem. O método da introspecção, não foi menos importante para o nosso estudo, pelo facto de termos estado a usar, também, os nossos conhecimentos sobre a língua e usarmo-los de forma inconsciente.

Com relação aos juízos assinalados por "I" e "D", agramatical e falta de certeza, respectivamente, pedíamos, na medida do possível, que os inquiridos justificassem a razão de tal julgamento.

## **Capítulo IV – Descrição e análise de dados**

### **Resumo**

O objectivo geral deste capítulo é fazer a descrição e análise de dados, tendo em conta as hipóteses de investigação avançadas na secção 4 do capítulo I.

O capítulo compreende duas partes: a primeira das quais ligada à descrição e análise de dados, na qual determinaremos as propriedades dos objectos, e a segunda parte ligada à discussão dos resultados da descrição e análise, com referência ao factor animacidade em Ciutee.

## Descrição e análise de dados

### 1. Objectos em construções (mono)transitivas

Tal como foi referido no capítulo 2, este tipo de construções apresenta verbos de base que admitem apenas um complemento SN. Para esta análise, apresentamos, a seguir, frases em que o verbo de base permite dois argumentos, sendo um externo e outro interno. Entretanto, para o teste da ordem de palavras está presente um oblíquo, como forma de determinar a posição do objecto em relação ao verbo. O enfoque desta secção é a identificação do argumento com propriedades de objecto, tendo em conta a aplicação dos testes referidos no capítulo 2, nomeadamente, ordem de palavras, passivização, cliticização e reciprocização. Portanto, as conclusões que sairão desta secção também serão úteis para a determinação das propriedades dos argumentos pós-verbais em construções de duplo objecto (secção 2).

#### 1.1. Ordem de palavras

Com este teste, o constituinte com a função gramatical de objecto, em Ciutee, será aquele que se posicionar a seguir à forma verbal, tal como ilustramos a seguir:

(9)a. Baba a-ka-bveng-a                      mw-ana ngo    mu-xamu.  
2pai 2MS-PERF-bater-VF 1-filho    com 3-vara  
'O pai bateu no filho com uma vara.'

b. Baba a-ka-bveng-a                      ngo    mu-xamu    mw-ana.  
2pai 2MS-PERF-bater-VF    com 3-vara    1-filho  
'O pai bateu com uma vara no filho.'

As duas construções são possíveis em Ciutee, sendo (9a) a básica. Na verdade, dos 10 falantes inquiridos, 60% consideraram a (9b) agramatical, pelo facto de ter um instrumento adjacente à forma verbal, ainda que não interfira no sentido básico expresso

pela frase (9a). Os restantes 40% dão-na como gramatical, sendo destes o F7 o único que aponta questões relacionadas com a ordem do objecto e do instrumento, isto é, a ordem destes elementos não afecta o sentido da frase (veja Tabela 1, Anexo 4).

Assim, estas evidências provam que *mwana* 'filho', que tem o papel de paciente e ocorre basicamente adjacente à forma verbal, funciona como objecto na construção monotransitiva apresentada em (9).

## 1.2. Passivização

Tal como noutras línguas Bantu, o argumento com propriedades de objecto (primário), em Ciutee, tem acesso à posição de sujeito nas frases passivas, suprimindo-se o sujeito lógico, que pode ser opcionalmente expresso como oblíquo. Considerem-se os seguintes exemplos:

- (10) a. Baba a-ka-bveng-a mw-ana.  
2pai 2MS-PERF-bater-VF 1-filho  
'O pai bateu no filho.'
- b. Mw-ana wa-ka-bveng-w-a (ndi baba).  
1-filho 1MS-PERF-bater-PASS-VF por 2pai  
O filho foi batido (pelo pai).

Como se pode ver nos exemplos acima, a construção em (10a) está na activa, sendo a sua passiva correspondente a (10b). Nesta construção, nota-se que o sujeito lógico da frase (10a) não é argumento do verbo, realizando-se opcionalmente em Ciutee como SP e regido pela preposição *ndi* 'pelo'. Esta preposição acompanha nomes próprios singulares e termos de parentesco que se dêem tratamento de respeito, o caso por exemplo de *baba*

'pai', bem como quando o agente da passiva é um pronome<sup>7</sup>. Assim, o complemento do verbo *-bvenga* 'bater', que tem o papel temático de paciente, funciona como sujeito do verbo *-bvengwa* 'ser batido' e o agente é opcionalmente expresso como SP/oblíquo, *ndi baba* 'pelo pai'.

### 1.3. Cliticização

No capítulo 2, referimos o facto de o complemento com a função gramatical de objecto em Bantu poder ser marcado na forma verbal através da MO. Em Ciutee, esta situação não constitui excepção, pois, tal objecto é marcado na posição adjacente à esquerda do Radical Verbal. Ilustramos a seguir:

- (11)a. Baba a-ka-bveng-a mw-ana. (idem (10a))  
 2pai 2MS-PERF-bater-VF 1-filho
- b. Baba a-ka-mu-bveng-a (mw-ana).  
 2pai 2MS-PERF-1MO-bater-VF 1-filho  
 'O pai bateu nele (no filho)'.

Na língua em análise, o argumento com a função gramatical de objecto como *mwana* 'filho' pode ser marcado na forma verbal através de uma marca de objecto, neste caso *mu* 'nele', sendo opcional a co-ocorrência com o respectivo objecto. A co-ocorrência

<sup>7</sup> Quando o agente da passiva é um nome do plural, sendo da classe 1/2, a preposição usada é *MB*. Ex.: Wafurwa *mb* 'arumbwana' 'foi alvejado pelos rapazes'. *NGE* quando o agente da passiva é um nome comum, tanto no singular como no plural de qualquer classe. Ex.: Mapapaia arywa *nge* matede 'as papaias foram comidas pelos macacos'. Quando o agente da passiva é um pronome demonstrativo. Ex.: Inini ndinobetswa *nge* uu, iwêwe unobetswa *nge* awo 'eu sou ajudado por este, tu és ajudado por aquele. *NGA* quando o agente da passiva é um adjectivo (substantivado) não primitivo da classe *mu-a*. Ex.: Mare wecidiwa *nga* akanaka, usatsarakana kurekera kudiwa *nga* akaxata 'basta ser gostado por boas pessoas, não significa que não possa ser gostado por más pessoas. Quando o agente da passiva é um pronome indefinido, quer do singular, quer do plural. Ex.: Uafurwa *nga* awa, ne kutukwa *nga* amweni 'foi alvejado por uns e insultado por outros.



ou não entre o objecto e a MO não interfere no sentido da frase. Sendo assim, o objecto, neste caso classificado tematicamente como paciente, *mwana*, pode ser marcado no verbo.

#### 1.4. Reciprocização

Em Ciutee, a reciprocização não é excepção do que acontece nas restantes línguas Bantu. Este teste prova que o SN complemento poderá ser eliminado e assumir a posição de SUJ em construções recíprocas, tal como aludimos no capítulo 2. Estas estruturas são resultado de um processo de derivação que resulta da aplicação do sufixo recíproco *-an-* à base verbal, mudando a estrutura argumental do mesmo. Vejamos o seguinte exemplo:

- (12)a. Baba a-ka-bveng-a mw-ana. (idem (11a))  
2pai 2MS-PERF-bater-VF 1-filho
- b. A-na a-ka-bveng-an-a.  
2-filho 2MS-PERF-bater-REC-VF  
'Os filhos bateram-se.'

Na construção (12a), o verbo *-bvenga* admite dois argumentos SN's, um agente *baba* 'pai' e um paciente *mwana* 'filho'. Em contrapartida, na construção em (12b) o verbo reciprocizado *-bvengana* 'bater-se' apenas tem um argumento, *ana*, com a função gramatical de sujeito e associado a dois papéis temáticos, de agente e de paciente. Esta situação tem lugar porque a entidade que pratica a acção (agente) é a mesma que sofre a acção praticada (paciente), neste caso *ana*.

#### 2. Construções de duplo objecto envolvendo verbos derivados

Nesta secção, discutiremos o estatuto dos objectos em construções cujo verbo de base permite dois complementos SN. O enfoque serão as construções com verbos

considerados derivados em Ciutee, ou seja, verbos em cuja formação envolve a aplicação de regras de formação de palavras (RFP's), como é o caso da aplicativização. Assim, analisaremos as frases do Ciutee com dois verbos exibindo a extensão aplicativa *-ir*<sup>8</sup> nomeadamente, *-tsvakira* 'procurar para' e *-tarira* 'escrever para'.

Tal como noutras línguas Bantu, em Ciutee, com a derivação destes verbos um dos objectos, neste caso o aplicado, poderá assumir diferentes papéis temáticos, como é o caso de beneficiário, locativo, motivo, entre outros. Neste estudo trataremos de casos em que o argumento interno introduzido é interpretado como beneficiário, sendo ao outro atribuído o papel de tema.

Organizaremos esta secção com base no grau de animacidade dos objectos, ou seja, em 2.1. as frases terão objectos com graus diferentes de animacidade, [+animado] e [-animado] e em 2.2. as frases terão objectos com o mesmo grau de animacidade, [+animado]. Faremos a descrição dos dados com base na aplicação dos mesmos testes que usamos na secção anterior, nomeadamente, a ordem de palavras, a passivização, a cliticização e a reciprocização.

### 2.1. Objectos com graus diferentes de animacidade

Tal como referimos atrás, as frases que analisaremos neste ponto terão SN's pós-verbais com graus diferentes de animacidade sendo um [+animado] e o outro [-animado]. Nestas condições, independentemente da sua posição na frase, a tendência é do SN que tiver maior grau na escala de animacidade, neste caso o [+animado], ser interpretado como

<sup>8</sup> Em Ciutee, a aplicativização tanto pode ser marcada pelo sufixo *-ir-*, como pelo sufixo *-er-*. O sufixo *-ir-* é marcado no verbo quando na sílaba anterior a que pertence a vogal "i" do mesmo sufixo está presente uma das seguintes vogais: "a", "u" e "i". Ex.: *kutarira* 'escrever para', *kufundira* 'estudar para' e *kuparidzira* 'evangelizar para'. Por sua vez, marca-se com o sufixo *-er-* no verbo quando na sílaba anterior a que pertence a vogal "e" deste sufixo estão presentes ou a vogal "o" ou a vogal "e". Ex.: *kusonera* 'coser para' e *kusenzera* 'trabalhar para'.

beneficiário, tal como podemos observar nas frases que se seguem aplicadas aos respectivos testes:

### 2.1.1. Ordem de palavras

Em Ciutee, quando há diferença no grau de animacidade entre os objectos, este teste mostra, de um modo geral, que o objecto animado tende a ser interpretado como beneficiário.

Exemplos:

(13)a. Baba a-ka-tar-ir-a mw-ana tsamba.  
2pai 2MS-PERF-escrever-APP-VF 1-filho 9carta  
'O pai escreveu uma carta para o filho.'

b. Baba a-ka-tar-ir-a tsamba mw-ana.  
2pai 2MS-PERF-escrever-APP-VF 9carta 1-filho  
'O pai escreveu uma carta para o filho.'  
\*'O pai escreveu o filho para a carta.'

Nestes exemplos, quase a totalidade dos informantes (90%) consideraram a construção (13a) correcta (veja Tabela 1, Anexo 4). Na mesma frase, o objecto *mwana* 'filho' posiciona-se adjacente ao verbo, sendo interpretado como beneficiário. Por sua vez, este é seguido pelo objecto *tsamba* 'carta', interpretado tematicamente como tema. O falante F4 foi o único que duvidou da ordem dos objectos na mesma construção em relação ao verbo, sem pôr em causa o sentido expresso por outros informantes.

Por seu turno, em (13b) verifica-se um desacordo entre os falantes, pois, 60% consideraram esta construção gramatical, atribuindo-a o mesmo sentido que a frase (13a). Eles consideraram *mwana*, SN animado e alto na escala de animacidade entre os dois constituintes seleccionados pelo verbo *-tarira* 'escrever para', como sendo a entidade que

se beneficia da acção descrita pelo verbo. Estes falantes aceitam, portanto, a possibilidade de o constituinte *tsamba* 'carta', assumido como tema, estar adjacente ao verbo. Outros 30% consideraram-na agramatical por ter o constituinte *tsamba* 'carta' imediatamente a seguir ao verbo. Segundo eles, tal agramaticalidade da frase (13b) deve-se ao facto do objecto *tsamba*, que é inanimado e por conseguinte, hierarquicamente baixo na escala de animacidade, ocupar a posição imediatamente a seguir ao verbo. O falante F3 foi o único que duvidou desta construção, achando que o objecto designado como beneficiário *mwana* devia posicionar-se adjacente ao verbo, de modo a ter o mesmo sentido que a frase (13a). Como se pode ver, os dados em (13b), apesar de terem uma tendência de 60% de gramaticalidade, precisariam de mais amostras que nos levassem a uma conclusão substancial.

Nas construções em que os objectos têm graus diferentes de animacidade na língua em análise o SN [+animado] tende a ocupar a posição adjacente ao verbo, sendo interpretado como beneficiário. O SN [-animado] posiciona-se na periferia do verbo, com o papel temático de tema.

Assim, tanto em (13a), como em (13b) – com os dados disponíveis - assume-se que o objecto animado é que tem o papel temático de beneficiário, tendendo a ocupar a posição adjacente ao verbo, uma propriedade de Objecto Primário.

### **2.1.2. Passivização**

No caso dos objectos exibirem graus de animacidade diferentes, em Ciutee, o objecto animado é interpretado como beneficiário e o inanimado como tema, neste tipo de construções. Do mesmo modo, o tema também pode ter acesso a posição de sujeito. Vejamos a seguir, os exemplos referentes às frases (13a) e (13b):

- (14)a. Mw-ana wa-ka-tar-ir-w-a                                      tsamba (ndi baba).  
 1-filho IMS-PERF-escrever-APP-PASS-VF    9-carta    por 2pai.  
 'A carta foi escrita para o filho (pelo pai).'
- b. Tsamba ya-ka-tar-ir-w-a                                      mw-ana (ndi baba).  
 9carta    9MS-PERF-escrever-APP-PASS-VF    1-filho    por 2pai  
 'A carta foi escrita para o filho (pelo pai).'
- \* 'O filho foi escrito para a carta (pelo pai).'

A construção (14a) não mereceu dúvida quanto à sua gramaticalidade por parte dos falantes, tal como em (13a), excluindo o falante F4 (cf. Tabela 2, Anexo 4), isto é, o objecto *mwana* 'filho' nome [+animado] assume a posição de sujeito. Mas, em (14b), 60% consideraram esta construção de correcta, sendo os falantes F1, F4, F5, F8 e F9 com mesmo juízo que (13b), na ordem de palavras (cf. Tabela 2, Anexo 4). Apesar de *tsamba* 'carta' ser um objecto [-animado] e conseqüentemente menos alto na hierarquia de animacidade em relação a *mwana* 'filho' [+animado], estes falantes aceitaram que ocorra na posição de sujeito e o SN *mwana* na posição de objecto. O facto é que o sentido da frase dado por estes falantes é o mesmo que se deu à frase (14a), ou seja, interpretam *mwana* como beneficiário e *tsamba* como tema, nos dois casos.

A questão que dividiu os falantes em (14b) deveu-se ao facto de os SN's concorrentes à posição de sujeito na passiva exibirem diferentes graus de animacidade. Na verdade, 40% (30% dos quais são os mesmos que consideraram agramatical a frase (13b), no teste anterior (veja Tabela 2, Anexo 4)) consideraram-na agramatical pelo facto de interpretarem *tsamba*, SN inanimado, na posição de sujeito em construções passivas, como beneficiário. Mais uma vez, temos um caso em que a nossa amostra pode não ser suficiente para se chegar a uma conclusão substancial.

Entretanto, admitindo a tendência de (14b) ser uma construção gramatical estaríamos num caso em que *tsamba*, [-animado] e, apesar de ocupar a posição de sujeito na passiva, continuar a ser interpretado como tema e *mwana*, apesar de estar na posição de objecto por ser [+animado], e potencialmente ser interpretado como beneficiário.

Este pressuposto pode-nos levar a concluir que quando há diferenças na animacidade dos objectos em Ciutee, o SN [+animado] indiscutivelmente ocupa a posição de sujeito em construções passivas, permanecendo com o papel de beneficiário, ao passo que será problemático que o SN [-animado], interpretando como tema, possa ocupar a posição de sujeito nas construções em análise, pois, 60% de falantes inquiridos aceitaram a construção e os outros 40% não.

### 2.1.3. Cliticização

Em construções que temos vindo a analisar, com dois SN's pós-verbais sem o mesmo grau de animacidade, a pronominalização pode recair tanto para o SN assumido como beneficiário, como para o SN interpretado como tema, sob diferentes prismas, atribuindo-se no geral as duas frases o mesmo sentido, tal como se ilustra a seguir:

- (15)a. Baba a-ka-mu-tar-ir-a                      *tsamba* (**mw-ana**).  
2pai 2MS-PERF-1MO-escrever-APP-VF 9carta 1-filho  
'O pai escreveu-lhe (ao filho) a carta'
- b. Baba a-ka-i-tar-ir-a                                *mw-ana* (**tsamba**).  
2pai 2MS-PERF-9MO-escrever-APP-VF 1-filho 9carta  
'O pai escreveu-a (a carta) para o filho'.  
\* 'O pai escreveu o filho para ela (a carta)'.

Nas frases (15a) e (15b) temos dois objectos com graus diferentes de animacidade em que na primeira a marca do objecto recai em *mwana* 'filho' [+animado] e na segunda em *tsamba* [-animado]. A frase (15a) foi considerada gramatical pela maior parte de informantes (90%), dos quais apenas os falantes F1 e F4 não têm o mesmo juízo em relação às frases (13a) e (14a), respectivamente, nos testes da ordem de palavras e passivização acima (cf. Tabela 3, anexo 4), com a marcação de *mwana* 'filho', o beneficiário, em *mu* 'lhe'. O falante F1 foi o único que considerou a frase (15a) como sendo agramatical, devido à ordem dos objectos, com a marcação de *mwana*. Segundo ele, este objecto, alvo da marcação, deve estar próximo do complexo verbal, deixando o outro objecto (*tsamba*) na periferia. Esta posição também foi assumida pelo falante F3, apesar de tê-la considerado correcta.

Enquanto isso, a frase (15b) é ambígua, de acordo com o juízo dos informantes, pois, (60%) deles consideraram-na de agramatical<sup>9</sup> (destes, apenas os falantes F2, F6 e F10 tiveram juízos semelhantes nas frases equivalentes, nos dois testes anteriormente vistos (cf. Tabela 3, Anexo 4)). Por seu turno, os falantes F1, F4, F5 e F8 (40%), que também deram o mesmo juízo às frases (13b) e (14b), respectivamente, nos dois testes anteriores (veja Tabela 3, Anexo 4), consideraram a construção (15b) gramatical, dando o mesmo sentido que a frase (15a) com a cliticização do objecto *tsamba*, interpretado como tema. Mais uma vez, o falante F3 foi o único que deu uma argumentação ligada à ordem dos objectos, tal como referimos atrás, em (15a), com relação a ele e ao falante F1.

---

<sup>9</sup> A agramaticalidade apontada pelos informantes prende-se com o facto de se interpretar o SN Marca de Objecto, *tsamba* 'carta' [-animado] como tema.

Os juízos apresentados em relação à frase (15b) não nos conduzem a uma conclusão definitiva devido à sua proximidade nos dois grupos de informantes, bem como à diversidade de características destes (c.f. Secção 1, Capítulo 3).

Por isso, pode-se concluir que a pronominalização de *mwana*, SN alto na escala de animacidade é aceite na língua, interpretando-o tematicamente como beneficiário. Por seu turno, *tsamba*, com o grau menos alto na animacidade, pode, com reserva, ser marca de objecto continuando a ser interpretado como tema. Esta situação deve-se ao facto de os falantes interpretarem com ambiguidade a frase (15b), pois, uns não aceitam que o tema seja cliticizado (60%) e outros aceitam a sua cliticização (40%).

Devido a essa ambiguidade e tendo em conta que o critério que se assume na determinação de Objecto Primário é o SN aceitar ser pronominalizado, *mwana*, SN animado e potencial beneficiário é que exhibirá estas propriedades.

#### 2.1.4. Reciprocização

Quando os SN's pós-verbais têm graus diferentes de animacidade, em construções recíprocas, apenas objectos [+animados] é que poderão ser eliminados e realizarem-se como sujeito. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (16)a. A-na      a-ka-tar-ir-an-a      tsamba.  
2-filho    2MS-PERF-escrever-APP-REC-VF 10carta  
'As crianças escreveram-se cartas'<sup>10</sup>.
- b. Tsamba dza-ka-tar-ir-an-a      a-na.

<sup>10</sup> Em Ciutee, *mwana* tanto pode ter o significado de 'filho', como de 'criança'. No presente trabalho temos vindo a considerar a primeira acepção. Entretanto, devido ao contexto a que foi sujeito na construção (16a), *mwana* toma o sentido de 'criança'.



10carta 10MS-PERF-escrever-APP-REC-VF 2-filho

\*'As cartas escreveram-se filhos'.

Com relação a estas frases, a totalidade dos informantes considerou a construção (16a), inequivocamente, de gramatical. A mesma totalidade considerou a estrutura em (16b) de agramatical. A explicação é que o objecto *tsamba* 'carta', menos alto na hierarquia de animacidade e eliminado como objecto, não pode assumir a posição de sujeito. Igualmente, este constituinte é interpretado como beneficiário e o SN *ana* como tema. A partir dos exemplos acima, podemos concluir que em construções com objectos diferentes na animacidade, na língua em análise, apenas o objecto alto na escala de animacidade, que ao mesmo tempo é interpretado como beneficiário é que se realiza como sujeito em construções recíprocas.

Tal como podemos observar nas frases acima, quando os SN's pós-verbais tiverem graus diferentes de animacidade, os que forem altos nesta escala [+animado] podem posicionar-se adjacentes ao verbo, aceitam ser sujeito de frases passivas, serem pronominalizados, bem como serem eliminados e assumirem a posição de sujeito em construções recíprocas, nestes casos são interpretados como beneficiários.

Entretanto, com relação aos SN's menos altos na escala de animacidade [-animado], é problemático assumir os resultados dos testes aplicados, devido a divergência nos juízos oferecidos pelos falantes às frases analisadas, ou seja os falantes dividem-se quando o SN menos alto na escala de animacidade exhibe propriedades de Objecto Primário, como ocorrência adjacente ao verbo, passivização, cliticização, bem como reciprocização. Esta pode ser uma indicação de que os temas não podem assumir propriedades de Objecto Primário na presença de SN's tematicamente altos, beneficiários.

Assim, as propriedades apresentadas acima são assumidas como critérios para a determinação do Objecto Primário. Deste modo, o constituinte com esta função gramatical em construções com essa natureza de objectos será o que tiver maior grau de animacidade e que for interpretado como beneficiário.

## 2.2. Objectos com o mesmo grau de animacidade

Quando os complementos SN pós-verbais tiverem o mesmo grau de animacidade, no presente caso [+animado], ambos podem ser interpretados ora como beneficiário, ora como tema, tal como mostram os testes seguintes:

### 2.2.1. Ordem de Palavras

Este teste provará que neste tipo de construções, os dois SN's concorrentes poderão ocupar a posição imediatamente a seguir à forma verbal, conforme ilustramos nos exemplos a seguir:

- (17) a. Mu-fundisi wa-ka-tsvak-ir-a a-tsvari mw-ana.  
1-professor 1MS-PERF-procurar-APP-VF 2-mãe 1-filho  
'O professor procurou o filho para a mãe.'  
'O professor procurou a mãe para o filho.'
- b. Mu-fundisi wa-ka-tsvak-ir-a mw-ana a-tsvari.  
1-professor 1MS-PERF-procurar-APP-VF 1-filho 2-mãe  
'O professor procurou a mãe para o filho.'  
'O professor procurou o filho para a mãe.'

As frases acima têm dois SN's pós-verbais com o mesmo grau de animacidade. Para 90% de falantes na frase (17a) (veja Tabela 1, Anexo 4), *atsvari* 'mãe' é o complemento que deve aparecer imediatamente a seguir ao verbo, sendo a frase aceitável na língua. O outro objecto fica na periferia do verbo. De acordo com o juízo do falante F4 (10% dos falantes) esta construção é agramatical porque *atsvari* está adjacente ao verbo. O

juízo do F4 sustenta-se em termos pragmáticos, pois, na cultura tewe, de acordo com (17a), não se pode procurar uma mãe para entregá-la ao filho, mas sim o contrário. Assim, quando o SN *atsvari* ocorre adjacente ao verbo é interpretado como beneficiário.

Por seu turno, para (80% dos falantes) em (17b) o complemento *mwana* 'filho' ocorre adjacente ao verbo, ficando o outro objecto na periferia do verbo. Na mesma construção, 20% dos falantes dão-na como incorrecta, pelo facto de *mwana* não poder aparecer adjacente ao verbo. Eles consideram a estrutura em (17b) não ser também admissível na cultura da língua, pois, não se pode procurar uma mãe para entregá-la ao filho, mas sim vice-versa, tal como referimos anteriormente. Nestes casos em que o SN *mwana* ocorre adjacente ao verbo é interpretado como beneficiário.

Assim, (17a) e (17b) mostraram que tanto *atsvari* como *mwana* podem ocupar a posição a seguir ao verbo. Como consequência, teremos ambiguidade nas duas frases, isto é, quando *mwana* e *atsvari* têm mesmo grau de animacidade, tanto um como outro pode ser interpretado como beneficiário, desde que ocorra adjacente ao verbo. O complemento SN com estas características exhibe propriedades de Objecto Primário.

### 2.2.2. Passivização

Quando os objectos têm o mesmo grau de animacidade, ambos objectos podem ocupar a posição de sujeito nas construções passivas, sendo que ao ocupar essa posição qualquer um dos SN's é no geral interpretado como beneficiário. As frases de base que teremos em conta para este teste são as mesmas do teste anterior, isto é, (17a) e (17b). Consideremo-las:

- (18)a. A-tsvari a-ka-tsvak-ir-w-a mw-ana (nge mu-fundisi).  
 2-mãe 2MS-PERF-procurar-APP-PASS-VF 1-filho por 1-professor  
 'Os filhos foram procurados para a mãe (pelo professor).'  
 'A mãe foi procurada para o filho (pelo professor).'
- b. Mw-ana wa-ka-tsvak-ir-w-a a-tsvari (nge mu-fundisi).  
 1-filho 1MS-PERF-procurar-APP-PASS-VF 2-mãe por 1-professor  
 'A mãe foi procurada para o filho (pelo professor).'  
 'Os filhos foram procurados para a mãe (pelo professor).'

Quanto à estrutura em (18a), (80%) dos informantes consideraram-na gramatical. Com a excepção do falante F10, estes são os mesmos que consideraram gramatical a frase (17a), na ordem de palavras. Para estes falantes, quando ocorre na posição de sujeito, o constituinte *atsvari* é interpretado como beneficiário. Os restantes 20% dos falantes (veja Tabela 2, Anexo 4) consideraram a estrutura em (18a) agramatical por não ser admissível na cultura da língua.

Relativamente à construção em (18b), temos casos em que (70%) dos falantes, os mesmos que tiveram o mesmo juízo em (17b), no teste anterior, tirando o falante F2, têm-na como gramatical, interpretando o objecto *mwana*, na posição de sujeito, como beneficiário. Com relação à mesma estrutura, o falante F2 considera-a agramatical, pelo mesmo argumento avançado em (18a) com relação a 20% de informantes. Estes argumentos também são partilhados pelos falantes F6 e F10 (20%), - os que tiveram a construção (17a), no teste da ordem de palavras, como agramatical, - por não terem certeza da gramaticalidade da construção (18b).

Assim, as construções acima (18a) e (18b) levam diferentes interpretações, num caso assume-se 'ter-se procurado filho para a mãe', e no outro 'ter-se procurado mãe para o filho'. Ambos objectos concorrentes, *atsvari* e *mwana*, podem ser sujeitos em frases passivas. Nesses casos são interpretados como beneficiário.

### 2.2.3. Cliticização

Tal como em algumas línguas Bantu,<sup>5</sup> em Ciutee, quando os objectos tiverem o mesmo grau de animacidade, tanto um como outro objecto pode ser marcado no verbo. Tal marca pode co-ocorrer com o respectivo objecto, este posicionando-se na periferia do verbo (cf. o ponto 1.3, deste capítulo). Considerem-se os exemplos:

- (19)a. Mu-fundisi wa-ka-a-tsvak-ir-a mw-ana (a-tsvari).  
1-professor 1MS-PERF-2MO-procurar-APP-VF 1-filho 2-mãe  
'O professor procurou o filho para ela (a mãe).'  
'O professor procurou a mãe para ele (o filho).'
- b. Mu-fundisi wa-ka-mu-tsvak-ir-a a-tsvari (mw-ana).  
1-professor 1MS-PERF-1MO-procurar-APP-VF 2-mãe 1-filho  
'O professor procurou a mãe para ele (o filho).'  
'O professor procurou o filho para ele (a mãe).'

As frases em (19a) e (19b) com dois SN's pós-verbais do mesmo grau de animacidade, derivam das construções (17a) e (17b), respectivamente. No caso da (19a) 70% dos informantes, dos quais os falantes F1, F3, F5, F7, F8 e F9 tiveram o mesmo juízo em relação às frases (17a) e (18a) nos testes da ordem de palavras e da passivização (veja Tabela 3, Anexo 4), consideraram *atsvari* 'mãe' objecto que pode ser marcado no verbo, interpretando-o como beneficiário. Os restantes 30% dos informantes tiveram-na como agramatical com a cliticização do complemento interpretado como tema, por expressar uma acção inadmissível na cultura da língua, isto é, por questões de respeito não se pode procurar uma mãe para o filho, mas sim o contrário.

Entretanto, na frase (19b) o juízo de gramaticalidade de 90% de informantes (falantes F1, F3, F4, F5, F7, F8 e F9) coincide com o juízo em relação aos dois testes acima analisados, nas construções (17b) e (18b), respectivamente (cf. Tabela 3, Anexo 4). Eles atribuíram ao SN *mwana*, constituinte analisado tematicamente como beneficiário, a

propriedade de ser marcado no verbo. Ainda com relação à frase (19b), apenas o falante F6 é que a teve como agramatical com a cliticização do SN *mwana*, interpretado como tema, pelas mesmas razões avançadas em (19a) com relação aos 30% de falantes.

Assim, os dados mostram que em construções em que os objectos têm o mesmo grau de animacidade a marcação dos objectos no verbo pode ocorrer com os dois SN's concorrentes, sendo interpretados como beneficiários, deixando o que for designado como tema na posição de objecto. Nestes casos as interpretações dos falantes são divergentes (veja (19a) e (19b)). Entretanto, nos dois casos (19a) e (19b), apenas o falante F3 é que considerou ser relevante a proximidade do objecto alvo em relação à forma verbal e o resto dos informantes acharam ser opcional a co-ocorrência da MO e o respectivo objecto.

#### 2.2.4. Reciprocização

No caso de os objectos apresentarem o mesmo grau de animacidade, tanto um objecto como outro podem ser eliminados e passarem a assumir a posição de sujeito em frases recíprocas. Esta situação ilustra-se a seguir:

- (20)a. A-tsvari a-ka-tsvak-ir-an-a a-na.  
2-mãe 2MS-PERF-procurar-APP-REC-VF 2-filho  
'As mães procuraram filhos uma para as outras'.
- b. A-na a-ka-tsvak-ir-an-a a-tsvari.  
2-filho 2MS-PERF-procurar-APP-REC-VF 2-mãe  
'Os filhos procuraram mães uns para os outros'.

As frases (20a) e (20b) têm objectos com o mesmo grau de animacidade, [+animado]. A primeira é tida por 80% de falantes como gramatical, sendo os falantes F1, F3, F7 e F8 com juízos idênticos que as frases equivalentes nos testes da ordem de

palavras, passivização e cliticização. Os juízos dos falantes F2 e F10 coincidem com os juízos apresentados em (17a) e o falante F6 como o que deu em (17a) e (18a), não coincidindo com nenhum juízo já apresentado (veja Tabela 4, Anexo 4). Eles notaram que nesta frase o objecto que deve ser suprimido e que passa à posição de sujeito recíproco é *atsvari*, visto como potencial beneficiário. Com relação à mesma construção, (20a), os falantes F5 e F10 consideraram-na agramatical por não ter sentido que a acção de as mães procurarem filhos uma para as outras ocorra.

Por seu turno, a frase (20b) teve interpretações divergentes dos falantes, pois, 50% dos informantes inquiridos consideraram-na gramatical e a outra metade agramatical. Os primeiros aceitam que *mwana* assuma a posição de sujeito na frase recíproca, sendo atribuído o papel de beneficiário, e os segundos não, devido à questões pragmáticas. Eles argumentam que esta última situação se deve ao facto de na cultura tewe a acção de procura reservar-se às mães e não aos filhos (veja (20a) e (20b), respectivamente).

Assim, tendo em conta os números que os dados nos mostram, *atsvari* 'mãe' mostra, nas construções recíprocas, a tendência de se realizar como sujeito, assumindo o papel temático de beneficiário, pois, 80% consideraram-na gramatical e outros 20% agramatical. Situação semelhante já não se verifica com relação ao SN *mwana* 'criança'. O juízo em relação à construção em que este complemento SN se realiza como sujeito, (20b), mostra ser problemático que tal facto se assuma devido à divisão entre os falantes – 50% gramatical e outra metade agramatical.

Tendo em conta estes juízos, quando os dois objectos têm o mesmo grau de animacidade, tanto um como o outro pode ocorrer adjacente ao verbo, ser sujeito na passiva, bem como ser marcado no verbo, sendo atribuídos alternadamente os papéis de beneficiário e de tema. No entanto, o constituinte que exhibir estas propriedades de Objecto

Primário na estrutura frásica é interpretado como beneficiário. Exceptua-se o caso da reciprocização em que por razões pragmáticas apenas um complemento SN, *atsvari*, pode ser realizado como sujeito. Logo, ainda que possa parecer que tanto o beneficiário quanto o tema podem exibir propriedades de Objecto Primário, na verdade só o beneficiário é que pode ser Objecto Primário.

### **Discussão dos resultados**

Como fizemos menção anteriormente, a questão básica que suscita interesse em construções de duplo objecto tem a ver com a natureza sintáctica dos dois objectos. De acordo com os dados analisados, o critério sintáctico na organização dos objectos não é suficiente, em Ciutee, para determinar o seu estatuto, sendo necessário o recurso a critérios semântico e pragmático. Com efeito, para além de factores sintácticos o estatuto dos objectos, nesta língua, é também determinado pelo grau de animacidade e pelo papel temático exibido pelos complementos SN.

Tal como demonstramos atrás, a partir dos testes sintácticos, quando os dois argumentos internos têm graus diferentes de animacidade (cf. frases (13), (14), (15)), os que forem altos nesta escala [+animado], posicionar-se-ão adjacentes ao verbo, aceitarão ser sujeito de frases passivas, serem pronominalizados e reciprocizados. Em todos esses casos, os SN's exibindo estas propriedades são, de um modo geral, interpretados como beneficiários. Com relação aos SN's menos altos na escala de animacidade [-animado], é problemático assumir os resultados dos testes aplicados, devido a divergências de juízos apontada pelos falantes às frases analisadas. Pode-se, no entanto, dizer que, no geral, os falantes não parecem



aceitar que os constituintes interpretados como temas exibam propriedades de Objecto Primário na presença de beneficiários.

No que diz respeito à reciprocização (16), podemos concluir que apenas um SN complemento, *mwana* [+animado], é que pode exibir propriedades de Objecto Primário. Claramente, este teste mostrou que o beneficiário é o constituinte [+animado], aceitando ser eliminado e passar a ser sujeito em construções recíprocas (100% de informantes). Com relação ao objecto interpretado como tema [-animado] (veja (16b)), baixo na escala de animacidade, a sua ascensão à posição de sujeito torna a frase estranha ou inaceitável na língua (cf. Tabela 4, Anexo 4).

De acordo com o que foi apontado no capítulo 2, sobre propriedades de objectos, retiradas de Hyman e Duranti (1982), as deduções avançadas no parágrafo anterior sobre construções applicativas condicionam a determinação do estatuto do constituinte tido como Objecto Primário. Assim, o constituinte com a função gramatical deste objecto nas construções com esta natureza de complementos será o que tiver maior grau de animacidade e que for interpretado como beneficiário. No entanto, quando as propriedades de Objecto Primário recaírem sobre o constituinte [-animado] e conseqüentemente menos alto na escala de animacidade, o juízo dos informantes revelou ser um caso problemático. Com a aplicação dos testes da ordem de palavras, passivização e cliticização, aliado ao juízo dos informantes, notámos uma proximidade dos dois grupos de ajuizantes: os que consideraram as construções de gramaticais e aqueles que a tiveram como agramaticais. De igual modo, o grau de animacidade e o papel temático dos objectos têm o seu peso considerável.

Por seu turno, nos casos em que os dois objectos exibem o mesmo grau de animacidade [+animado] a tendência do juízo dos informantes mostrou, com excepção da

reciprocização, que tanto um como o outro (cf. frases (17), (18), (19) e (20)), podem ocorrer adjacente ao verbo, serem sujeitos na passiva, serem marcados no verbo, bem como serem eliminados e assumirem a posição de sujeito em construções recíprocas. Em qualquer um destes casos, o constituinte visado é interpretado como beneficiário e o outro constituinte que não exibir estas propriedades é interpretado como tema.

O único teste que mostrou exactidão dos resultados foi o da reciprocização nestas frases, com constituintes que diferem no grau de animacidade.

Portanto, em Ciutee, uma língua Bantu, as propriedades de Objecto Primário são suportadas por SN/beneficiários [+animado], sendo problemático quando forem suportadas por SN/temas [-animado], em construções com complementos SN com graus diferentes de animacidade. Mas, em construções com complementos SN com o mesmo grau de animacidade tanto um SN, como o outro exibirá alternativamente as propriedades de Objecto Primário. No entanto, o SN que exibir estas propriedades é que é interpretado como beneficiário. Tendo em conta esta situação, assume-se esta língua como assimétrica, pois, apenas um SN/objecto é que exibe estas propriedades. Igualmente, a língua é vista como sendo de objecto primário (veja o Secção 3, Capítulo 2).

A assimetria, atrás referida, de acordo com os dados, não é consequência de factores sintácticos apenas, mas também de factores temáticos e pragmáticos. Conclui-se, assim, que Ciutee é uma língua orientada para a animacidade e para os papéis temáticos.

## **Capítulo V – Conclusões e recomendações**

### **Resumo**

Este capítulo tem como objectivo, fazer o balanço do estudo realizado, bem como apresentar recomendações para futuros estudos.

Assim, na secção 1. apresentamos as conclusões a que chegamos na análise de objectos em construções aplicativas com dois complementos SN em Ciutee e na secção 2. apresentamos aspectos que podem ser melhorados nos trabalhos posteriores no estudo das relações de duplo objecto.

## 1. Conclusões

Com este estudo pretendíamos descrever o comportamento sintáctico dos dois SN's objectos subcategorizados por verbos ditransitivos formados a partir da extensão applicativa em Ciutee. Para alcançarmos este objectivo, analisamos o comportamento sintáctico dos objectos concorrentes, tomando especial atenção para a influência da animacidade e/ou de questões pragmáticas, por serem relevantes na língua. Para isso, aplicamos às frases do corpus os testes sintácticos da ordem de palavras, passivização, cliticização e reciprocização.

As construções que analisamos tinham, por um lado, objectos com graus diferentes de animacidade [+animado] e [-animado] e, por outro lado, objectos com o mesmo grau de animacidade [+animado].

Da análise feita às frases do corpus, constatámos que o factor sintáctico não foi suficiente para a determinação do estatuto dos SN's constituintes. Para tal, os factores animacidade e temático têm o seu papel considerável na língua.

Tendo em conta estes factores, os dados mostraram que quando os objectos tiverem graus de animacidade diferentes, a tendência é de o complemento SN [+animado] com a função gramatical de Objecto Primário ser o que tiver maior grau de animacidade e que for interpretado como beneficiário. Quando as propriedades de Objecto Primário recaírem ao SN complemento [-animado] e, por conseguinte, menos alto na escala de animacidade, o juízo dos informantes revelou ser um caso problemático devido a tendência de equilíbrio entre os que acham as frases gramaticais e aqueles que acham agramaticais. No caso de os objectos ostentarem o mesmo grau de animacidade, tanto um como o outro podem exibir propriedades de Objecto Primário. Assim, o objecto que exibir estas propriedades é interpretado como beneficiário.

Através destes dados, assume-se que em Ciutee as propriedades de Objecto Primário são assumidas por SN's pós-verbais interpretados como beneficiários, sendo [+animado], mas continuará problemático quando tais propriedades forem suportadas por SN/temas [-animado], em construções com SN's com graus diferentes de animacidade.

Sendo assim, validamos uma das nossas hipóteses, segundo a qual apenas um SN/objecto exhibe propriedades de Objecto Primário, assumindo o Ciutee como uma língua assimétrica, deixando de lado a que postula que ambos objectos podem exhibir as propriedades de Objecto Primário, considerando a língua de simétrica. Igualmente, a língua é vista como sendo de objecto primário.

Deste modo, não foi pacífico chegar-se a esta conclusão, pois, o juízo dos nossos informantes em relação a algumas frases revelou-se problemático. Tal facto ocorreu com casos em que os SN's/objectos [-animados] em construções em que os objectos tinham graus diferentes de animacidade.

## **2. Recomendações**

Com este estudo, pretendemos enriquecer a gramática das línguas Bantu, em geral, e do Ciutee, em particular, apesar de termos abordado apenas uma pequeníssima parte.

O estudo das construções applicativas de duplo objecto em Ciutee não se esgota, somente, ao que tratamos. No nosso estudo apenas tivemos em conta casos em que tínhamos papéis temáticos de beneficiário e de tema, com casos isolados de instrumento e de paciente, no conjunto de outros que existem na estrutura temática. Igualmente, consideramos apenas o grau de animacidade [ $\pm$  animado], dos que perfilam na estrutura da escala de pessoa-animacidade.

Por seu turno, apenas valorizamos casos em que tínhamos SN's/objecto beneficiários [+animados] e temas [-animados], nos casos em que os objectos ostentavam graus diferentes de animacidade, bem como casos em que os SN's/objecto eram ou temas ou beneficiários [+animado], não tendo referenciado outro tipo de relação entre a estrutura temática e o factor animacidade.

Para concluir, gostaríamos que nos estudos futuros fossem tomados em conta estes aspectos que não foram considerados no nosso trabalho. Consideramos que esta perspectiva poderá trazer mais dados sobre as construções de duplo objecto em Ciutee e noutras línguas moçambicanas.

## Bibliografia

- BRESNAN, J. & KANERVA, J. (1989). Locative Inversion in Chichewa: A case Study of Factorization in Grammar. *Linguistic Inquiry*, 20:1, 1-50.
- BRESNAN, J. & MOSHI, L. (1990). Object Assimetries in Comparative Bantu Syntax. *Linguistic Inquiry*, 21:2, 147-85.
- CHIMBUTANE, F. (2002). Grammatical Functions in Changana: Types, Properties and Function Alternations (Tese de Mestrado não publicada). Camberra: The Australian National University.
- COMRIE, B. (1996). *Language Universals and Linguistic Typology*. Oxford: Blackwell Publishers.
- LANGA, A. (2001). A Reduplicação verbal em Xichangana (Tese de Licenciatura não publicada). Maputo: Faculdade de Letras – Universidade Eduardo Mondlane.
- DE GUZMAN, V. P. (1997). Indirect Objects in Siswati. *Studies in African Linguistics*, 18, 309-325.
- DRYER, M. (1986). Primary Objects, Secondary Objects and Antidative. *Language*, 62:4, 809-45.
- FIRMINO, G. (1991). Double Object in Gitonga. Ms. Berkeley: University of California.
- \_\_\_\_\_ (1992). The Syntax of Bantu Verbal Extensions: With Special Reference to Gitonga. Ms. Berkeley: Department of Antropology - University of California.
- \_\_\_\_\_ (2000). *Situação Linguística de Moçambique*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- GONÇALVES, P. (1997). Metodologia de Recolha de Dados. In C. STROUD e P. GONÇALVES. (orgs). *Panorama do Português Oral de Maputo*, 1, 47-72. Maputo: Instituto Nacional Para o Desenvolvimento da Educação.
- GUTHRIE, M. (1971). *An Introduction to the Comparative Linguistics and Prehistory of the Bantu Languages*, 2. Gregg International Publishers.
- HAWKINSON, A. & HYMAN, L. (1974). Hierarquies of Natural Topic in Shona. *Studies in African Linguistics*, 5:1, 147-70.
- HUDSON, R. (1992). So-called 'Double Objects' and Grammatical relations. *Language*. 68:1, 251-76.

- HYMAN, L. & DURANTI, A. (1982). On the Object Relation in Bantu. In P. Hoppes and S. Thompson (orgs). *Syntax and Semantics: Studies in Transitivity*, 15, 217-59.
- LIPHOLA, M. 2001. Aspects of Phonology and Morphology of Shimakonde. (Tese de Doutoramento não publicada). Ohio: The Ohio State University Press.
- MATEUS, M.; BRITO, A.; DUARTE, I. & FARIA, I. (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- MCHOMBO, S. & FIRMINO, G. (1999). Double Object Constructions in Chichewa and Gitonga: A Comparative Analysis. In S. MCHOMBO. (org.). *Linguistic Analysis*, 29, N° 1-2.
- MOROLONG, M. & HYMAN, L. (1977). Animacy, Objects and Clitics in Sesotho. *Studies in African Linguistics*, 8, 199-218.
- NGUNGA, A. (1997). *Lexical Phonology and Morphology of Ciyao* (Tese de Doutoramento). Berkeley: University of California.
- NGUNGA, A. (1998). Investigação Linguística como exercício de relações humanas. Ms. Comunicação apresentada no Seminário sobre investigação realizada nos pequenos Libombos a 23 de Maio de 1998. Maputo: Faculdade de Letras - Universidade Eduardo Mondlane.
- SELIGER, H. & SHOHAMY, E. (1989). *Second Language Research Methods*. Oxford: University Press.
- SITOE, B. (1996). *Dicionário Changana-Português*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação.
- SITOE, B. & NGUNGA, A. (2000). *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: NELIMO – Centro de Estudos das Línguas Moçambicanas.
- SUANA, E. (1999). *Introdução à Cultura Tewe: Reflexões sócio-culturais sobre o povo Tewe, em Manica*. Matola: Seminário Filosófico Interdiocesano “São Agostinho”.



## Anexos

### Anexo 1: Frases do *Corpus*

#### I. Construções monotransitivas

- (1)a. Baba akabvenga mwana ngo muxamu.  
'O pai bateu o filho com vara'.  
b. Baba akabvenga ngo muxamu mwana.  
'O pai bateu com uma vara o filho'.
- (2) Baba akabvenga mwana.  
'O pai bateu o filho com uma vara.
- (3) Mwana wakabvengwa ndi baba.  
O filho foi batido pelo pai.
- (4) Baba akamubvenga (mwana).  
'O pai beteu nele (no filho)'.
- (5) Ana akabvengana.  
'Os filhos bateram-se'.

#### II. Construções ditransitivas (aplicativas)

- (6)a. Mufundisi wakatsvakira atsvari mwana.  
'O professor procurou o filho para a mãe'.  
b. Mufundisi wakatsvakira mwana atsvari.  
'O professor procurou a mãe para o filho'.
- (7)a. Baba akatarira mwana tsamba.  
'O pai escreveu a carta para o filho'.  
b. Baba akatarira tsamba mwana.  
'O pai escreveu a carta para o filho'.  
\* 'O pai escreveu o filho para a carta'.
- (8)a. Atsvari akatsvakirwa mwana (nge mufundisi).  
'Os filhos foram procurados para a mãe (pelo professor)'.  
b. Mwana wakatsvakirwa atsvari (nge mufundisi).  
'A mãe foi procurada para o filho (pelo professor)'.
- (9)a. Mwana wakatarirwa tsamba (ndi baba).  
'A carta foi escrita para o filho (pelo homem)'.  
b. Tsamba yakatarirwa mwana (ndi baba).  
'A carta foi escrita para o filho (pelo pai)'.  
\* 'O filho foi escrito para a carta (pelo pai)'.
- (10)a. Mufundisi wakaatsvakira mwana (atsvari).

- 'O professor procurou-o (o filho) para a mãe'.  
b. Mufundisi wakamutsvakira atsvari (mwana).  
'O professor procurou-a (a mãe) para o filho'.

- (11)a. Baba akamutarira tsamba (mwana).  
'O pai escreveu-lhe (ao filho) a carta'.  
b. Baba akaitarira mwana (tsamba).  
'O pai escreveu-lhe (ao filho) a carta'.  
\*'O pai escreveu o filho para ela (a carta)'.

- (12)a. Atsvari akatsvakirana ana.  
'As mães procuraram-se filhos'.  
b. Ana akatsvakirana atsvari.  
'Os filhos procuraram-se mães'.

- (13)a. Ana akatarirana tsamba.  
'Os filhos escreveram-se cartas'.  
b. Tsamba dzakatarirana ana.  
\*'As cartas escreveram-se filhos'.

## Anexo 2: Teste Linguístico<sup>11</sup>

Gostaria que me dissesse se considera cada uma das frases abaixo correcta (C) ou incorrecta (I). Se não tiver certeza se uma dada frase está correcta ou incorrecta, considere-a duvidosa (D). Em relação às que considerar incorrectas ou duvidosas, se possível, gostaria que me dissesse brevemente a razão do seu julgamento.

- (1)a. Baba akabvenga mwana ngo muxamu.  
'O pai bateu no filho com vara'.  
b. Baba akabvenga ngo muxamu mwana.  
\*'O pai bateu com vara no filho'.
- (2)a. Mufundisi wakatsvakira atsvari mwana.  
'O professor procurou o filho para a mãe'.  
b. Mufundisi wakatsvakira mwana atsvari.  
'O professor procurou a mãe para o filho'.
- (3)a. Baba akatarira mwana tsamba.  
'O pai escreveu a carta para o filho'.  
b. Baba akatarira tsamba mwana.  
'O pai escreveu a carta para o filho'.  
\*'O pai escreveu o filho para a carta'.
- (4)a. Atsvari akatsvakirwa mwana (nge mufundisi).  
'Os filhos foram procurados para a mãe (pelo professor)'.  
b. Mwana wakatsvakirwa atsvari (nge mufundisi).  
'A mãe foi procurada para o filho (pelo professor)'.
- (5)a. Mwana wakatarirwa tsamba (ndi baba).  
'A carta foi escrita para o filho (pelo homem)'.  
b. Tsamba yakatarirwa mwana (ndi baba).  
'A carta foi escrita para o filho (pelo pai)'.  
\*'O filho foi escrito para a carta (pelo pai)'.
- (6)a. Mufundisi wakaatsvakira mwana (atsvari).  
'O professor procurou-o (o filho) para a mãe'.  
b. Mufundisi wakamutsvakira atsvari (mwana).  
'O professor procurou-a (a mãe) para o filho'.
- (7)a. Baba akamutarira tsamba (mwana).  
'O pai escreveu-lhe (ao filho) a carta'.  
b. Baba akaitarira mwana (tsamba).  
'O pai escreveu-lhe (ao filho) a carta'.  
\*'O pai escreveu o filho para ela (a carta)'.

<sup>11</sup> Modelo extraído em Chibutane 2002. As frases do teste que submetemos aos informantes não tinham as "Traduções" aqui apresentadas. Elas foram feitas no anexo 2 como forma de guiar o leitor da tese.

- (8)a. Atsvari akatsvakirana ana.  
'As mães procuraram-se filhos'.  
b. Ana akatsvakirana atsvari.  
'Os filhos procuraram-se mães'.

- (9)a. Ana akatarirana tsamba.  
'Os filhos escreveram-se cartas'.  
b. Tsamba dzakatarirana ana.  
\* 'As cartas escreveram-se filhos'.

Com vista a explorar melhor o juízo dos informantes e facilitar a análise dos dados, também foram elaboradas as perguntas que se seguem. Foram escolhidas as frases com os números indicados pelo facto de serem básicas, pois a partir dos quais, possíveis perguntas se fariam.

- (2):(a) Ndiani wakatsvakirwa umweni nge mufundisi?  
'Quem é que foi procurado para o outro pelo professor?' ou

- (b) Ngatsvari akatsvakirwa mwana, dangani kuti mwana wakatsvakirwa atswari nge mufundisi?  
'Foi para a mãe que o filho foi procurado ou foi para o filho que a mãe foi procurada pelo professor?'

- (3):(a) Ndiani/cinyi wa/cakatarirwa ciro ndi baba?  
'Para quem/ para o quê é que algo foi escrito pelo pai?' ou

- (b) Mwana wakatarirwa tsamba, dangani kuti i tsamba yakatarirwa mwana ndi baba?  
'Foi para o filho que a carta foi escrita ou foi para a carta que o filho foi escrito pelo pai?'

Anexo 3: Relação entre a estrutura temática e factor da animacidade nas estruturas testadas

Legenda:

**Ins:** Instrumento

**Ben:** Beneficiário

**Tem:** Tema

**+An:** Argumento mais animado<sup>12</sup>

**-An:** Argumento menos animado

Tabela 1a: Ordem de Palavras

Estrutura Temática-Animacidade	Ordem de Palavra
	Ins/Ben adjacentes e Tem periféricos
Ins[-An] – Tem [+An]	1b
Ben [+An] – Tem[+An]	2a
Ben [+An] – Tem [-An]	3a

Tabela 1b: Ordem de Palavras

Estrutura Temática-Animacidade	Ordem de Palavra
	Tem adjacente e Ins/Ben periféricos
Tem [+An] – Ins [-An]	1a
Tem [+An] – Ben [+An]	2b
Tem [-An] – /Ben [+An]	3b

Tabela 2: Passivização

Estrutura Temática-Animacidade	Sujeito Passivo	Sujeito Passivo
	Ben	Tem
Ben [+An] -Tem [+An]	4a, 4b	4a, 4b
Ben [+An] -Tem [-An]	5a	5b

<sup>12</sup> No presente estudo consideramos objectos [+An] apenas aos objectos com o traço [+humano].

Tabela 3: Cliticização

Estrutura Temática-Animacidade	Objecto Marcado	Objecto Marcado
	Ben	Tem
Ben [+An] – Tem [+An]	6a, 6b	6a, 6b
Ben [+An] – Tem [-An]	7a	7b

Tabela 4: Reciprocização

Estrutura Temática-Animacidade	Sujeito Recíproco	Sujeito Recíproco
	Ben	Tem
Ben [+An] – Tem [+An]	8a, 8b	8a, 8b
Ben [+An] – Tem [-An]	9a	9b

#### Anexo 4: Juízo dos Informantes

Legenda:

**C:** Significa que os informantes consideram a construção de correcta.

**Cb/t/i:** Quer dizer que a construção é correcta, mas o SN adjacente ao verbo, marcado no verbo ou que aceita ser sujeito na passiva, bem como ser eliminado e ser sujeito em construções recíprocas é tido como beneficiário (Cb), tema (Ct), instrumento (Ci).

**Co:** Indica que a construção é correcta, apesar de ter problemas de ordem dos objectos.

**Iss:** Mostra que os informantes consideram a construção incorrecta por não ter sentido ou não ser admissível culturalmente na língua.

**Ib/t/i:** Dá indicação de que a construção é incorrecta e o SN adjacente ao verbo, marcado no verbo ou que aceita ser sujeito na passiva, bem como ser eliminado e ser sujeito em construções recíprocas é interpretado como, beneficiário (Ib), tema (It), instrumento (Ii).

**D:** Tem o significado de que o informante duvida da gramaticalidade da frase dada.

**Db/t:** Quer indicar que a construção é duvidosa e o SN adjacente ao verbo, marcado no verbo ou que aceita ser sujeito na passiva, bem como ser eliminado e ser sujeito em construções recíprocas é interpretado como beneficiário (Db), tema (Dt).

**Dss:** Designa construções duvidadas pelos informantes, pelo facto de não ter sentido ou não ser admissível culturalmente na língua.

Tabela1 : Ordem de Palavras

Nº de Frase na Tese		Nº de Frase No Teste		Informantes									
				F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10
9	a	1	a	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
	b		b	Ii	Ii	Ii	Ii	C	C	Co	Ii	C	Ii
17	a	2	a	Cb	C	C	Iss	C	C	C	C	C	C
	b		b	Cb	C	C	C	C	Iss	C	C	C	Iss
13	a	3	a	Cb	C	C	Db	Co	C	C	C	C	C
	b		b	Ct	It	Dt	C	C	It	C	C	C	It

Tabela 2: Passivização

Nº de Frase na Tese		Nº de Frase No Teste		Informantes									
				F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10
18	a	4	a	Cb	C	Cb	Iss	Cb	C	C	C	C	Iss
	b		b	Cb	Iss	Cb	C	Cb	Dss	C	C	C	D
14	a	5	a	Cb	C	Cb	Cb	C	C	C	Cb	C	C
	b		b	Ct	It	Ct	Ct	C	It	It	Ct	C	It

Tabela3: Cliticização

Nº de Frase na Tese	Nº de Frase No Teste	Informantes											
		F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10		
19	a	6	a	Cb	It	Co	Iss	Cb	C	Cb	Cb	C	It
	b		b	Cb	Cb	Co	C	Cb	Iss	Cb	Cb	C	C
15	a	7	a	Ib	C	Co	Cb	C	C	C	Cb	C	C
	b		b	Ct	It	It	Ct	C	It	It	Ct	It	It

Tabela 4: Reciprocização

Nº de Frases na Tese	Nº de Frase No Teste	Informantes											
		F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10		
20	a	8	a	C	C	C	C	Iss	C	C	C	Iss	C
	b		b	Dss	Iss	C	Iss	Iss	C	C	C	Iss	Iss
16	a	9	a	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
	b		b	It	It	It	It	It	It	It	It	It	It



### Errata

Pág.	Linha	Onde se lê	Deve-se ler
Capa	-	Faculdade de Letras	Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Rosto	-	Faculdade de Letras	Faculdade de Letras e Ciências Sociais
7	10	Línguas Bantu	línguas Bantu
9	10	Construções de duplo [...]	Construções de duplo objecto [...]
11	1-2	(Ideia:220)	(Hyman e Duranti, 1982:220)
20	2	[...] frases de correctas, de incorrectas [...]	[...] frases de correctas e de incorrectas [...]
26	Rodapé	Presnete	Presente
47	10-11	<p>LANGA, A. (2001). A Reduplicação verbal em Xichangana (Tese de Licenciatura não publicada). Maputo: Faculdade de Letras – Universidade Eduardo Mondlane</p> <p><b>a seguir a</b></p> <p>COMRIE, B. (1996). <i>Language Universals and Linguistic Typology</i>. Oxford: Blackwell Publishers.</p>	<p>LANGA, D. (2001). A Reduplicação verbal em Xichangana (Tese de Licenciatura não publicada). Maputo: Faculdade de Letras – Universidade Eduardo Mondlane</p> <p><b>a seguir a</b></p> <p>HYMAN, L. &amp; DURANTI, A. (1982). On the Object Relation in Bantu. In P. Hoppes and S. Thompson (orgs). <i>Syntax and Semantics: Studies in Transitivity</i>, 15, 217-59.</p>
47	24-25	<p>GUTHRIE, M. (1971). <i>An Introduction to the Comparative Linguistics and Prehistory of the Bantu Languages</i>, 2. Gregg International Publishers.</p>	<p>GUTHRIE, M. (1967-71). <i>Comparative Bantu</i>, 1-4. Clarendon: Oxford University Press.</p>
48	3-4	<p>LIPHOLA, M. 2001. Aspects of Phonology and Morphology of Shimakonde. (Tese de Doutoramento não publicada). Ohio: The Ohio State University Press.</p>	<p>LIPHOLA, M. (2001). Aspects of Phonology and Morphology of Shimakonde. (Tese de Doutoramento não publicada). Ohio: The Ohio State University Press.</p>